

IDADE D'OURO DO BRAZIL.

Terça feira 13 de Fevereiro.

Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

Sa e Miranda.

BAHIA.

Missena, e Soult nem estão presos, nem fugirão como se dizia.

Hum dos successos mais dignos de consideração em nossos dias, e que tem merecido as reflexões de muitos Jornalistas, he o ultimo destino do Marechal Ney, Principe de Moscow. O seu Conselho de guerra foi hum processo summamente averiguado, o qual prova quanto são faliveis os planos dos homens mais cordatos quando resilem da orbita dos seus deveres; e quando tem demasiada confiança na prosperidade da sua vida como aquelle Rei da Lydia, que se jactava ser mais feliz, que ninguem; e que olhou com desprezo para Solon por lhe dizer, que conhecia hum homem mais feliz do que elle, que era hum particular de Athenas.

Esperava-se que Ney sahisse justificado em seu processo porque elle alegava em sua defesa razões de muito pezo, e protestava que tinha sahido de Paris, ainda fiel ao Rei, e que se tinha unido a Bonaparte pela força das circumstancias, pela rebelião do Exercito, e pela intima persuasão de que a volta de Bonaparte á França era de commum accordo com o Congresso. Apparecerão porém testemunhas, que o convencerão de conspirador muito antes da chegada de Bonaparte a Auibus. Em consequencia disto foi julgado réo de pena ultima, e na vespera da sua morte foi-lhe intimada a sentença por hum dos membros do Conselho, o qual lhe disse: Marechal, a tua sorte está decida. Aproveita os momentos, que restaõ para dispor os teus negocios temporaes, e aqui traga o Cura de S. Sulpicio para tratares com elle dos teus negocios espirituaes: Eu, respondeo Ney, não tenho de que dispor pois que os meus bens são confiscados. A respeito do Cura, respondo que sempre caminhei á morte entre mil perigos sem Curas ao meu lado; e porque não farei agora o mesmo? Já o Cura se retirava com o portadar da sentença, quando hum granadeiro, que o guardava lhe disse: Marechal, eu tambem tenho caminhado á morte como tu, sem carecer de Padres: porém se estivesse no teu caso havia morrer como homem de bem, praticando o

estillo da Religião: Dizes bem, replicou Ney, chama o Cura. Entrou o Cura, e demorou-se 3 quartos d'hora com elle. No outro dia foi conduzido ao lugar do supplicio, e sem consentir, que lhe tapassem os olhos, deixou-se em pé cheio de espirito, e valentia: levantou o braço esquerdo, e gritou em alta voz para os soldados: faze-me a graça de me atirar ao coração: dispararaõ-se os tiros, e cahio morto: morre Romano: Do seu longo processo extrahimos o principal, que he o seguinte:

„ O Marechal Principe de Moskwa ás tropas do seu Governo.

„ Officiaes, Subalternos, e Soldados:—A causa dos *Bourbons* está perdida para sempre! A dynastia legitima que a Nação *Franceza* adoptou vai de novo subir ao throno: ao Imperador *Napoleão*, nosso Soberano he que unicamente toca reinar sobre o nosso formoso paiz! Quer a Nobreza dos *Bourbons* tome o partido de outra vez se expatriar, quer consinta em viver entre nós, que nos importa isso? A causa sagrada da liberdade e da nossa independencia já não receberá damno de seu funesto influxo. Quizeraõ aviltar a nossa gloria militar; mas enganáraõ-se: essa gloria he fructo de muito nobres fadigas para que possamos jámais perder a lembrança della.

„ Soldados, já lá vai o tempo em que eraõ governados os Povos suffocando-se todos os seus direitos: triunfa finalmente a liberdade, e o nosso Augusto Imperador *Napoleão* a vai para sempre firmar. Seja d'hoje em diante tão bella causa a nossa e a de todos os *Francezes*: Convençaõ-se desta grande verdade todos os valorosos que tenho a honra de commandar.

„ Soldados, eu vos tenho muitas vezes conduzido á victoria: agora quero conduzir-vos a essa falange immortal que o Imperador *Napoleão* conduz a *Paris*, e que alli entrará dentro de poucos dias, e lá seraõ para sempre realisadas a nossa esperanza e a nossa felicidade. *Viva o Imperador!*—*Lons-le-Saulnier* 13 de Março de 1815.—O Marechal do Imperio, (assignado) Principe de *Moskwa*.

Facil he julgar que effeito deveriaõ produzir no todo dos soldados este comportamento, e estas ordens de hum Chefe que veneravaõ. Além disto poderia a surpresa operar os máos effeitos que sem dúvida já se haviaõ preparando por outros meios. Tinhaõ com tudo estes meios obtido tão pouco hum completo exito, e seria tão facil manter as tropas em hum dever que o coração dos *Francezes* não he realmente feito para attraçoar quando a perfilia não procura allucinallas, que pelo dito de huma testemunha que depoz no processo do Conselho de Guerra (o Chefe d'Esquadraõ *Beauregard*), ao passo que os soldados que ficavaõ mais perto do seu General, arrastados pelas seducções da obediencia, repetiaõ o grito de rebelliaõ que elle entoára, *viva o Imperador!* os soldados que ficavaõ mais distantes, fiéis aos movimentos do seu coração e á honra *Franceza*, e que estavaõ longe de suppor a abominavel acção do Marechal *Ney*, clamavaõ *viva o Rei!*—Esteve mesmo a allucinação, nestes primeiros momentos, tão longe de ser un-versal, que segundo a mesma testemunha, muitos Officiaes e soldados sahiraõ indignados das fileiras.—Em quanto a consternação, segundo tambem attestáraõ mais tres testemunhas, os Condes de *Bourmont*, de *la Genetiere*, e de *Gravel*, estava impressa na alma dos Generaes e de grande numero de Officiaes e soldados, a toda a pressa, para completar o extravio das tropas, se lhes offereceo o engodo mais seductor para homens faltos de educação, qual he o da licença, do saque, e da embriaguez. Com pretexto de destruir as insignias da Reale-

za., cuja anniquilação acabava o Marechal Ney de proclamar, permittio-se-lhes derramarem-se pela Cidade, e entregarem-se nella aos excessos que deviaõ acabar de perturbar a sua razaõ, e firmallos em seus desvarios, pelo mal entendido pejo de os abandonarem depois de nelles se haverem sobejamente entranhado. — Este mal entendido pejo, apezar da influencia de tal Chefe, não represou com tudo algumas almas elevadas e alguns corações rectos: tanto he permittido acreditar que, se o proprio Marechal fosse fiel, hum exercito em que toda a força de seu exemplo achava assim mesmo tanta resistencia, teria, sem taes provocações, vindo a ser, por sua adhesão ao Rei, a honra da França; de modo que toda a vergonha do seu comportamento recahe verdadeiramente sobre o perjuro Chefe que extraviava a razaõ e a lealdade espontanea de seus soldados.

Grande numero de Officiaes attónitos de já não terem Chefe, retiráraõ-se, como fez o Tenente General *Delort*, o General *Jarry*, o Coronel *Duballin*, etc. Os Senhores *Bourmont* e de *la Genetiere* se separáraõ, com huma especie de desesperação, de hum General que já não figurava para com os seus subordinados senão como hum corruptor. O Conde de *la Genetiere* lhe escreveu mesmo com acrimonia a seguinte carta, que cumpre ajuntar como huma circumstancia adequada para diminuir a especie de ferrete impresso nas tropas por huma rebelliaõ, de que facil he julgar não seria a surpresa hum dos mais efficazes motivos:

“ Não sabendo fazer pacto com a honra, e não me julgando desligado das promessas solemnes que fiz ao Rei, nas mãos de *Monsieur*, quando me armou Cavalleiro de *S. Luiz*; não podendo segundo os meus principios, continuar por mais tempo funcções prejudiciaes ao interesse do meu Principe, deixo o Estado Maior, e dirijo-me a *Besançon*. Tenho por longo tempo tido a honra de servir debaixo das vossas ordens, Senhor Marechal; mas hoje só tenho hum pezar, que he tellas executado 24 horas. Ainda que a minha existencia possa ser compromettida, eu a sacrificio ao meu dever. „

Eis o brado da honra *Franceza*! Eis o comportamento que consola, tanto dos erros de outros Officiaes, como tambem dos commettidos por aquelles mesmos que tão nobremente e tão depressa os sabem reparar. Eis igualmente os sentimentos que revelaõ as intenções que no meio de nossos politicos delirios conserváraõ os intrépidos cujo valor não teve em si ta senão a patria nas guerras em que forão implicados, e cuja gloria com effeito, huma vez que foi acompanhada de tal rectidão, devia ser a optada pelo Monarca, ainda que nem sempre fosse grangeada na defensão da sua causa! — Passou immediatamente Mr. de *la Genetiere* debaixo das ordens de Mr. *Caetano de la Rochef-neauld*, cujo nome basta pronunciar para despertar a lembrança da sua dedicacão — Retiráraõ-se ainda outros Officiaes do commando do Marechal: os Senhores, *Bourmont* e *Lecoube* vierão para *Paris* — O Barão *Clovet*, seu proprio Ajudante de Campo, lhe pediu licença para o deixar, e com effeito o deixou. — Lições estas bem amargas dadas ao Chefe por seus Subalternos, e de que elle se devêra aproveitar para emendar seus erros por meio de hum prompto regresso aos dictames da honra! Mas isso he o que o Marechal *Ney* não fez! Cada vez se entranhou mais em sua traição. No mesmo dia em que leo a Proclamação ás tropas, deo por escripto a ordem de mandar marchar todas as que se achavaõ debaixo do seu commando para sereunirem ás de *Bonaparte*. Por estas, e outras muitas razões, que apontaremos, foi condemnado á morte.

Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.

Em 3. De Lisboa, a Galera *Condeça da Ponte*, Mestre o 2.º Tenente *Joaquim Albino Gonçalves Perfeito*, 25 dias de viagem, carga varios generos. Dono *Bernardo José Ferreira de Barros*.

Em dito. De Lisboa, a Galera Inglesa *Biga*, Mestre *John Bumas*, 30 dias de viagem, em lastro.

Em 4. De Monte Vidis, o Brigue Americano *Helen*, Mestre *Samuel C. Martin*, 39 dias de viagem, carga couros, e cebo. Correspondente o Consul respectivo.

Em dito. De Pernambuco, o Bergantim Americano *Robert*, Mestre *James Phillips*, 4 dias de viagem, carga sortimento. Correspondente o Consul respectivo.

Em 6. Do Rio Real, a *Samaca Via União*, Mestre e Dono *Vicente da Silva Ramos*, 2 dias de viagem, carga farinha, milho, couros, açúcar, e algodão.

Em 7. De Lisboa, o Bergantim *Lebre*, Mestre *Francisco Martins Coito*, 41 dias de viagem, carga varios generos. Dono o mesmo Mestre.

Embarcações que estão a sahir.

Para o Porto, a 15 o Bergantim *Bom Caminho*, Mestre *Domingos de Souza Barbosa*. Dono *Damazo Pereira da Silva*.

Para o Porto, a 25 o Bergantim *Innocencia Triunphante*, Mestre *Francisco Antonio Mendello*. Dono *Antonio da Rocha Bastos*.

A V I S O S.

Faz público *José Nunes de Abreu*, que pertende hir a Lisboa a certas dependencias, e a ajustar contas com seus correspondentes, e pertende sahir até o fim do mez de Abril, deixando por seu Administrador e Procurador, como já o tem feito em outras viagens, a *José Baptista Ferraro*, para este responder pelos alugueis das casas, que occupa do Morgado de *S. Barbara*, de que he Administrador *Manoel Antonio da Silva Serva*, como juntamente de todos os mais negocios pertencentes a sua casa, e todos os que tiverem contas com o dito deverão ajustallas até o dito tempo.

Francisco José d' Almeida Corte Real, faz saber, que no dia 9 do corrente lhe desaparecera de casa hum escravo ainda novo, de Nação *Ussá*, de estatura alta, rosto descarnado, pouca barba; quem d'elle souber; dirija-se á sua casa á rua direita das portas do Carmo N. 887, que pagará o achado.

Quem quizer carregar no Brigue Ingles *Agnes*, que sai muito breve para *Liverpool*, açúcar, tabaco, ou algodão; dirija-se ao Escriptorio de *Kenneth Pringle e Companhia*, ás Graças de Ferro. A mesma casa tem para vender o Brigue *Roscius*, chegado proxiramente de Lisboa; e juntamente sal, que o mesmo Brigue trouxe.

Quem quizer carregar no Brigue Francez *Alante*, que sahirá para *Havre de Grace*, em 22 do corrente; dirija-se ao Escriptorio de *Mello Branford e Companhia*, ao Corpo Santo.

Quarta feira 14, se ha de arrematar no Trapiche Grande, 200 surrões de farinha de trigo de *Buenos-Ayres*. Tambem vende-se 200 couros de *Buenos-Ayres*, que estão no Trapiche do Pilar, 160 marquetas de cebo; quem quizer comprar, dirija-se ao Consul Americano.

Com Permissam do Governo.

BAHIA; NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA.